



## Editorial

doi 10.52521/22.13268

Ao longo de seus 24 anos de atividades, o Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará vem contribuindo com o debate acadêmico e mediação entre distintos setores irmanados pelo que chamamos em Ciências Sociais de “Sociologia da Cultura”. Atualmente, esses esforços estão bastante marcados no trabalho de grupos como: Grupo de Políticas de Cultura e Comunicação/ CULT.COM; do Laboratório de Cultura, Consumo e Mídia – LABCCOM; Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas e Economia Criativa; Observatório Cearense da Cultura Alimentar – OCCA, mas também do Grupo Diálogos Urbanos e do Grupo de Pesquisa Ciências Sociais e Cidade – CSC, grupos vinculados ao PPGS/UECE.

A Sociologia da Cultura converge temas diretamente ligados às trajetórias profissionais de docentes do programa como: Alexandre Barbalho, Kadma Marques, Gerciane Oliveira, Roberta Manuela de Andrade e Roberto Marques. Uma rápida visita à produção de outras/os docentes permite-nos perceber que as questões desse campo estão ainda presentes em artigos, dossiês, coletâneas e pesquisas orientadas por Eduardo Machado, Wellington Maciel, Geovani Jacó de Freitas, Mônica Dias Martins, Natália Montebello, Lia Pinheiro Barbosa e Peter Rosset.

Esses esforços coletivos tomam forma nesse momento com a publicação do número 46 da revista O Público e o privado, organizado por Alexandre Almeida Barbalho (UECE), Edson Farias (UnB) e Mariana Barreto (UFC), intitulada “Sociologia da Cultura: Cultura e sua articulação com os territórios”. A articulação das redes dessas/es pesquisadoras/es possibilitou grande adesão de profissionais do campo da Sociologia da Cultura, repercutindo na submissão de um número surpreendente de proposta para o número temático. Desta forma, os debates sobre o campo, a partir de múltiplas perspectivas teóricas e conceituais, perdurará no próximo número de nossa revista, o que nos causa imenso orgulho e alegria.

Uma eficiente apresentação do campo da Sociologia da Cultura é oferecida pelos organizadores e organizadora do dossiê, o que constitui relevante contribuição para

as pessoas que se aproximaram recentemente desse debate ou para aquelas/es desejosas/os de uma organização sintética desse campo. Seguindo a leitura, os artigos que compõem o número temático dessa edição priorizam o debate sobre a relação entre cultura, institucionalização e relações com o território. Ao final dos artigos, temos o relato de uma iniciativa muito importante no campo das políticas de cultura no estado do Ceará. Trata-se de artigo de Custódio Almeida, atualmente reitor da Universidade Federal do Ceará, Ivânio Azevedo e Lígia Rodrigues sobre o programa Cientista Chefe da Cultura. Em proposta financiada pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico e abraçada pela Secretaria de Cultura do estado, o “Cientista Chefe da Cultura” ou CCCult vem articulando, ao longo dos últimos três anos, demandas da gestão pública com os saberes produzidos por pesquisadores(as) de Instituições de Ensino Superior (IES), desse modo, a apresentação dessa proposta está diretamente relacionada com o debate presente no número temático dessa edição.

A revista segue com dois artigos livres muito interessantes: o debate sobre a participação de discentes de escolas públicas nos conflitos e tensões presentes no ambiente escolar, apostando na interação mais direta de jovens em formação nas moralidades sociais ali presentes e, por fim, uma apresentação da trajetória teórica e militante de Simone Weil.

Finalizando a revista, temos a resenha do livro “Eu tenho medo de viver lá fora”- Cartografia do trabalho do policial penal, escrita por Leonardo Mello.

Ver mais um número da revista O Público e o privado finalizado é sempre uma alegria. Alegria inspirada na ideia de sonho comum realizado. Possível pelo trabalho conjunto de profissionais com larga experiência, jovens pesquisadoras/es, esforços institucionais e articulação da ampla rede de pareceristas que permitiram que esse número viesse a lume. O fato desse número específico dobrar-se sobre iniciativas institucionais e trajetórias que apostam na cultura, na arte e nas manifestações populares nos lembra que há bem pouco tempo assistimos à extinção do Ministério da Cultura no Brasil, à perseguição de artistas e acadêmicos, à tentativa de extinção de comunidades e povos tradicionais, bem como à estigmatização de minorias e populações racializadas. Ler os textos aqui presentes, saber que tantas pessoas competentes estão comprometidas com um bem que não se deixa calar é também um grande alento. É ainda sinal da necessidade de cuidado e vigília, para que os espaços acadêmicos rimem sempre com criatividade, disposição e alegria. Que tentativas de apagamento, anulação e criminalização recebam as respostas necessárias para que construamos a universidade que desejamos, capaz de multiplicar as formas de vida. Boa leitura!

Os Editores.